

**EXTRA**

# JORNALISMO INFANTOJUVENIL COMO PRÁTICA CONTRA-HEGEMÓNICA: PARTICIPAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E VOZES SUBALTERNIZADAS



Crianças como sujeitos sociais ativos (Corsaro, 2011; Qvortrup, 2009)

## Enquadramento teórico: o direito à voz

### Desconstrução do adultocentrismo

A investigação contrapõe-se à limitada representação infantil no jornalismo tradicional para adultos, desafiando a visão de que a criança necessita sempre da legitimação de um adulto para ser ouvida (Sarmiento & Tomás, 2020). O jornalismo infantojuvenil deve procurar desconstruir essa passividade e dependência.

### Representação e identidade

O jornalismo para crianças atua na construção social da infância, podendo reforçar estereótipos ou, inversamente, permitir que a criança se veja de forma autêntica e plural.

“Os Estados Partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem

Convenção sobre os Direitos da Criança (UNICEF, 1989)

## Metodologia: estudo de casos nacionais

### Abordagem qualitativa e quantitativa

A investigação realizou análise de conteúdo (Bardin, 2016), entrevistas aos diretores e editores (Sousa, 2006) e observação participante em redações (Tuchman, 1978). Período: 1 jan. de 2022 a 31 de jul. 2024.

### Foco nas práticas editoriais

O estudo mapeou como a voz infantil é incorporada na produção - como fonte, consultor editorial ou repórter - em dois estudos de caso em Portugal. Exemplos únicos no panorama nacional.



Revista impressa mensal  
Público: 7 aos 14 anos  
Criada em 2004  
Visão, revista “mãe”  
52 páginas  
Preço: 3,40 euros  
(encerrada após o estudo)



Noticiário televisivo da RTP2 (serviço público) transmitido 3 vezes por semana  
Público: 8 aos 12 anos  
Criado em 2019  
Integrado ao bloco Zig Zag  
Produzido pela direção de programas infantis  
Duração média: 5 minutos

## Resultados: práticas de participação

### Visão Júnior

REPÓRTER JÚNIOR. CONSULTORES ANUAIS. MIÚDOS A VOTOS:

Permite a validação de temas e formatos, servindo como mediadores entre a redação e o público.

### FONTES DE INFORMAÇÃO:

Sem fontes (61%); Crianças e jovens (14%); publicações especializadas (7%); organizações (6%); profissionais adultos (6%) e comentadores/especialistas (6%).

### PAPÉIS DAS CRIANÇAS ENTREVISTADAS:

Alunos, desportivas, “coloridas”, “criança investida” e “criança-aluno” (Ponte, 2005; Sarmiento, 2019).



### Radar XS

### REPÓRTER XS:

Valorização direta dos testemunhos infantis como fontes, em temas que as envolvem diretamente, sem validação de fontes adultas e especializadas.

### FONTES DE INFORMAÇÃO:

Crianças e jovens (30%); adultos ligados a escola/projetos (24%); pais (6%); especialistas/comentadores (5%).

### PAPÉIS DAS CRIANÇAS ENTREVISTADAS:

“Criança-aluno”, desportistas, leitores, imigrantes, artistas, ativistas e voluntários.

## Conclusões: jornalismo democrático

### Prática contra-hegemónica

O jornalismo infantojuvenil desafia os modos de produção tradicionais ao reconhecer a criança como ator social com agência própria.



### Crianças como fontes e repórteres

A inclusão de crianças como fontes de informação e jovens repórteres desdobra a lógica do poder tradicional do jornalismo.

### Representação plural da infância

Além do “ofício de aluno”, as práticas mostram a “criança investida” em atividades de lazer e desporto, refletindo distintos estilos de vida, ainda que haja espaço para mais diversidade.

### Espaço de inclusão e descentralização

Conclui-se que modelos participativos resultam num jornalismo mais democrático, plural e socialmente responsável.

